

## Entrevista com o ator Raoni Carneiro

Poucas e Boas da Mari – [www.poucaseboasdamari.com](http://www.poucaseboasdamari.com)

Por Mari Valadares – MTB: 43.155/SP

### **01. Raoni, você decidiu o que queria “ser na vida” aos 13 anos de idade. O que o despertou para a profissão de ator?**

Entrei de brincadeira. Falei para um cara, que era de uma grande cia de teatro da minha cidade (Itapetininga): "Se vocês precisarem de um ator profissional, estou à disposição". Eu tinha 13 anos. Aí ele falou que tinha uma vaga, pois iria ter um teste na cia e que eu podia fazer. Fiz e fiquei apaixonado. A partir desse dia tinha certeza do que queria fazer na minha vida...

#### **... mas você já fazia cursos de teatro?**

Não, não... Não fazia nada.

#### **Foi com a cara e com a coragem.**

Fui lá de cara de pau. Era uma cia de teatro amador, não era profissionalizada formalmente. E aí foi...

#### **E quando você chegou para seus pais e disse: "Quero ser ator", qual foi a reação deles?**

Eles foram muito legais, porque nesse tempo, quando resolvi ser ator, comecei a vir para São Paulo fazer teste em publicidade, essas coisas... Meus pais me mandaram ir atrás de uma escola, vi o Célio, prestei o exame e falei para meu pai que tinha passado. Ele falou: "Meu, se você quiser ser ator, vai embora para São Paulo, mas vá para ser o melhor e não largue os estudos". Era a condição dele. Beleza, fui embora, larguei minha família e vim embora para São Paulo. Eu tinha 15 anos.

### **02. Em seu currículo estão novelas da Rede Globo (Agora É Que São Elas - 2003 e A Lua me Disse - 2005) e do SBT (Seus Olhos - 2004 e Amigas e Rivais - 2007). Como é a receptividade do público aos seus trabalhos nas novelas da Globo e aos seus trabalhos no SBT? Tem alguma diferença?**

Tem, muitas. É impressionante! Quando a gente faz novela na Globo a gente sabe, quer dizer, na primeira novela eu não sabia, algumas semanas depois a gente descobre o que é. Realmente em qualquer lugar que você anda, as pessoas te param. Até acostumar com isso demora. O SBT tem outro público. Você acha que não vai dar nada e de repente as pessoas te param. O meu personagem morreu e passou um cara na rua: "Pô, não morreu?" As pessoas assistem muito, só que não tem aquele glamour que a Globo põe, que a Globo badala. A diferença na verdade é nisso, que a Globo te dá um glamour perante a profissão e o SBT surpreende. É muito legal.

**03. Além da novela “Amigas e Rivais”, você está em cartaz com duas peças: “O Santo Parto”, texto de Lauro César Muniz, direção de Bárbara Bruno e “Motel Paradiso”, texto de Juca de Oliveira, direção Roberto Lage. Como você se prepara para essa bateria de trabalho, Raoni?**

Pois é... é muito legal! (rs) Eu estava gravando novela, ensaiando "O Santo Parto", apresentando "Motel Paradiso" e tenho uma banda de MPB. Teve um dia em si, que parei e pensei: "Peraí, essa vida que estou levando é a vida que sempre sonhei". É tão difícil na profissão um ator trabalhar tanto, não posso reclamar. Tenho que matar no peito e me divertir, fazer o máximo que eu posso, hoje eu vivo do meu sonho. Cansativo? É. Exaustivo? É, mas acabo tirando de letra.

**Tem confusão com os textos?**

Não tem confusão de texto, mas na época do ensaio, eu vinha tanto na inércia, que tinha uma hora no meio do ensaio que falava: "Nossa velho, eu tô aqui já". Isso, já tinha falado a metade da peça, mas... Nada que uma boa noite de sono, não resolva, né? (rs)

**04. Quase no final da peça “O Santo Parto”, você e o ator Marco Antonio Pâmio contracenam um beijo. No teatro beijo entre pessoas do mesmo sexo não é vista como uma cena ofensiva. Na TV é diferente. As emissoras vetam esse tipo de cena, pois alegam rejeição do telespectador. Qual é a sua opinião sobre isso?**

O teatro ainda é uma alternativa. A partir do momento que as pessoas sabem que tem um beijo, elas assistem sabendo que existe. Elas estão vindo por livre espontânea vontade. A TV é aberta e há no Brasil o hábito de que tudo que a televisão põe na tela as pessoas vão assistir. Tem um pouco de hipocrisia neste sentido, as pessoas sabem que existe, mas é a sociedade que a gente vive, não tem como fugir. As três ou quatro vezes nestes últimos cinco anos que ameaçaram fazer isso deu no que falar. E no teatro dá o que falar, mas de uma maneira muitas vezes positiva. No teatro, o público vem sabendo, na televisão ele é obrigado e nossa sociedade é machista, moralista.

**Você acha que vai demorar muito para ter a aceitação?**

Nem sei se vai acontecer, nem sei se deve. Cada veículo tem a sua função. A televisão a gente sabe como ela funciona, né?

**05. Em 2005, em parceria com o ator Paulinho Vilhena, você estreou como diretor da peça “Quarto de Estudante”, texto de Roberto Freire, com José Trassi e Marauê Carneiro. Conte um pouco dessa experiência.**

Eu fiquei apaixonado por dirigir. Eu quero dirigir muito, muito, muito ainda. O mais legal de dirigir é voltar atuar depois. Não é nem você ser ator e dirigir. A gente fez a direção de um espetáculo na cara e na coragem, não tínhamos formação para ser diretor, não estudamos para isso, a gente foi muito pela intuição e pelo que eu e o Paulinho, cada um na sua história, aprendeu com a vida. Eu como ator, dentro da minha formação, tentei levar isso para os meninos e para a concepção do espetáculo, mas depois que você volta a atuar, depois de ter

dirigido um espetáculo, você começa a entender melhor o que é ser ator e o que é ser diretor. Dirigir é muito legal.

**Como diretor as preocupações são maiores do que como ator?**

É proporcional. Na verdade, quando você está como ator, você mergulha no seu personagem, quando você está como diretor, você mergulha no espetáculo. O ator, em um espetáculo, ele é uma das peças, você vê de outra maneira.

**A escolha do texto foi sua ou do Paulinho?**

Foi minha.

**Por que você escolheu esse texto?**

Eu já conhecia esse texto, ia fazê-lo há seis anos, não deu certo. Nasceu de uma brincadeira, como tudo que eu faço na vida. Meu irmão queria fazer um espetáculo, o Zé, que fez a peça, falou: "Vamos fazer, você arranja um texto para dois atores?" Eu falei: "arranjo". O Paulinho estava morando na minha casa esta época, a gente começou a fazer a leitura, ele me chamou num canto: "Aí velho, vamos fazer juntos?" Eu falei: "Vamô, embora velho". Eu não tinha a vaidade de querer ser o diretor, a gente queria era trabalhar juntos. Pegamos e montamos, foi isso que fizemos, nada mais. E foi bem, a gente fez São Paulo, fez Rio, valeu muito a pena.

**06. Você solta sua voz como vocalista e líder da banda Trupe.**

Eu engano na verdade. (rs)

**Como surgiu a idéia de montar a banda?**

A idéia? De brincadeira (rs). Eu estava fazendo novela, a Lua Me Disse, fui para uma fazenda de uns amigos, que são músicos, compositores e vi uma molecada, bem mais nova que eu, fazendo música. Falei: "Meu, vamos montar uma banda?", "Vamos". Duas semanas depois, nós tínhamos um show marcado e fizemos a banda. O show deu certo e tinha um cara que quis comprar uma temporada e eu aceitei. Acabou que surgiu a Trupe e estamos até hoje, há dois anos.

**Trocaria a carreira de ator para se dedicar a música? Ou isso é mais uma descontração que um trabalho?**

Não existe essa possibilidade. Eu não troco uma pela outra, porque elas são completamente compatíveis, cada vez mais eu descubro isso.

**Você canta na peça "O Santo Parto".**

Engano também. (rs)

**Tem a ver por que sabiam que você cantava?**

Teve. Quando a Bárbara me chamou para fazer a peça, eu tinha um show marcado e ela foi ao show me assistir cantar. Daí ela viu e acho que resolveu encarar. (rs) Eu apanhei um pouco no espetáculo, porque venho há dois anos cantando com microfone, com uma estrutura de banda. Voltar a cantar no teatro é outro estilo de canto. Então, no começo você "sambeia", mas depois você tira de letra.

**07. Tem mais algum projeto ainda para esse ano?**

Para esse ano? Chega! (rs)

**E para o ano que vem?**

Para o ano que vem tenho bastante. Projeto a gente sempre tem.

**08. Uma mensagem para os frequentadores do site "Poucas e Boas da Mari".**

Que bom que vocês acessam o site, que tem uma abertura para esse tipo de profissional. É super legal que as pessoas se interessam por esse tipo de entrevista ou de matéria, acho que nem tudo está perdido, né? Continue sempre com essa iniciativa.